

A violência contra gays em ambiente escolar

João Bôsco Hora Góis* & Thiago Barcelos Soliva**

Resumo:

Este artigo é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo examinar diferentes formas de violência cometidas contra jovens gays. Para alcançar tal objetivo, entrevistamos 20 jovens universitários do sexo masculino que se auto-identificaram como homossexuais. Os dados coletados nessas entrevistas mostraram que a escola é um espaço de conflito em que ocorrem distintas formas de violência envolvendo jovens gays, professores, corpo técnico-pedagógico e outros alunos. Também mostraram que os entrevistados, em função da sua orientação sexual, real ou percebida, passaram por experiências de constrangimento que terminaram por desencadear em alguns deles sérios problemas psicossomáticos.

Palavras-chave: Homofobia – Discriminação – Sexualidade – Escola

Abstract:

This article aims at examining different forms of violence perpetrated against gay youth. In order to achieve our goal we interviewed 20 male college students who perceived themselves as gays. The data collected indicated that schools are spaces prone of conflict where different forms of homophobic violence take place involving gay students, teachers, members of the school staff and other students. They also showed that all the interviewees went through excruciating forms of embarrassment due to their real or perceived sexual orientation that can be held responsible for serious psychosomatic traumas.

Key words: Homophobia – Discrimination – Sexuality – School



* **JOÃO BÔSCO HORA GÓIS** é Professor Associado da Universidade Federal Fluminense e Coordenador do Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social (UFF), Doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Boston College; realizou pós-doutoramento na UFRJ, área de Sociologia.



** **THIAGO BARCELOS SOLIVA** é mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA-IFCS-UFRJ).



Introdução

Ser homem ou mulher está longe de ser uma simples inclinação natural baseada em diferentes anatomias sexuais. É, na verdade, uma forma possível de se relacionar com o mundo, associada a modelos socialmente construídos e sancionados. Esses modelos são parcimoniosamente inculcados nos indivíduos pela ação de diferentes tecnologias do gênero (DE LAURETTIS, 1994). A família, a vizinhança e as mídias, por exemplo, constituem dispositivos importantes de reafirmação de formas tradicionais de estar no mundo, ancoradas em rígidos modelos de ordenação sócio-sexual. Ao lado de tais dispositivos encontram-se também as escolas.

Esforços socializadores realizados a partir de uma clara distinção de gênero e privilegiando a heterossexualidade podem ser periodicamente observados em diferentes momentos do cotidiano escolar. Na escola, a adesão ao

modelo que separa e hierarquiza masculino e feminino, heterossexual e homossexual, é reforçada a todo tempo através de práticas disciplinares que intervêm no corpo e no comportamento de diferentes indivíduos. Nesse sentido, a escola se apresenta como grande agenciadora de práticas que objetivam reduzir o campo da sexualidade ao binômio macho/fêmea. Ademais, essa instituição, fundamental para o processo de socialização das novas gerações, reproduz concepções que identificam e classificam a experiência humana pela matriz heterossexual, desestimulando qualquer comportamento que destoe dessas tradicionais tipificações.

O período escolar (Pré-escola, Ensino Fundamental e Médio) é marcado por fortes conflitos que, muitas vezes, resultam em sérios problemas psíquicos e sociais. É durante esse período que os jovens estão definindo sua sexualidade. Simultaneamente, estes jovens estão

entrando em contato com imagens estereotipadas que transitam no ambiente escolar e se materializam através das chamadas “brincadeiras”, as quais atualizam preconceitos associados aos papéis e às diferentes orientações sexuais.

Estudos recentes (JUNQUEIRA, 2009; BANDEIRA & HUTZ, 2010) têm apontado os graves problemas pelos quais passam aquelas pessoas que sofreram violências na escola. O que se convencionou chamar de *bullying* vem se destacando como tema de debates dentro do campo da educação. Esse fenômeno se caracteriza por um comportamento repetidamente agressivo com o objetivo de causar danos físicos ou psicológicos em um dado aluno ou grupo de alunos (*Apud*: BANDEIRA & HULTZ, 2010).

Para aqueles alunos cujo comportamento se distancia das expectativas hegemônicas de gênero, essa violência é acentuada por preconceitos construídos em torno da homossexualidade. Recorrentemente, este tipo de violência não é recriminada pelos professores e pelo corpo técnico-pedagógico. Em geral, esses profissionais tendem a se relacionar de duas maneiras com a violência homofóbica no universo escolar: pelo silêncio ou pelo apoio velado ou explícito a ela. Ambas as formas reforçam a percepção de que os alunos gays devem ser mesmo punidos pelo seu comportamento transgressor.

A violência contra homossexuais certamente ocorre em diferentes espaços. Contudo, de acordo com estudos nacionais e internacionais, ela tende a ser mais acentuada nas escolas, onde são reproduzidos

valores e comportamentos considerados adequados para cada sexo. As ações discriminatórias dirigidas contra alunos que se distanciam do padrão hegemônico de normalidade masculina ou feminina são abundantes no universo escolar, sobretudo se o “desvio da norma” ocorre em relação à orientação sexual.

Castro (2004) mostra em sua pesquisa em escolas brasileiras de ensino fundamental e médio que cerca de ¼ dos alunos indicam que não desejam ter um colega homossexual na turma. Tal desejo, em muitas situações, é manifestado em agressões, às vezes veladas, as quais são depois frequentemente silenciadas por aqueles que a praticam e por aqueles que a sofrem. Em boa parte dos casos, as atitudes preconceituosas dos alunos contra seus colegas gays são naturalizadas por parte dos professores, ou mesmo do corpo técnico-pedagógico, que entende essas ações como “brincadeiras” comuns ao cotidiano da escola.

Tendo como tema central a violência contra homossexuais no ambiente escola, este estudo se valeu de 20 entrevistas realizadas com jovens gays do sexo masculino. Essas entrevistas tiveram um formato semi-estruturado, apoiado em um roteiro previamente elaborado de acordo com os objetivos da pesquisa. As entrevistas tiveram duração média de uma hora e meia cada. Todos os jovens entrevistados se auto-identificavam como gays. A maioria deles foi convidada a participar da investigação pelo contato que já mantinham com um dos pesquisadores em função das redes de sociabilidade que ele frequentava.

Outros foram identificados e convidados a partir do nosso pedido àqueles já entrevistados para que nos apresentassem outros jovens que pudessem compartilhar conosco as suas histórias.

Em relação ao perfil desses jovens, vale lembrar que todos eram membros do corpo discente da Universidade Federal Fluminense (UFF) e tinham entre 18 e 24 anos de idade. A variação dos cursos aos quais eles pertenciam não foi uma preocupação perseguida na tarefa de escolha dos informantes. Vale ressaltar, no entanto, que foi predominante a participação de jovens que faziam cursos ligados à área das ciências humanas.

Os tipos de violência nos espaços escolares

Em relação ao conjunto dos nossos entrevistados, verificamos que a passagem pelo ensino fundamental e médio foi plena, ainda que em intensidades diferentes, de manifestações de violência que os marcaram – social e emocionalmente – até hoje. A intensidade da violência que ocorre na escola foi, possivelmente, ampliada pela etapa do ciclo de vida no qual se encontram as vítimas – um momento de definição das percepções sobre os “outros” e, principalmente, sobre si mesmo.

Parte significativa da violência direcionada contra os gays é de natureza física. Tal violência *“ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano por meio de força física, com algum tipo de arma ou instrumentos que possam causar lesões internas, externas ou ambas”* (DAY, 2003:5). Nela, o corpo da vítima é o *locus* da ação do perpetrador. Trata-se de um tipo de

violência comum contra a população gay de grandes centros urbanos, como vem demonstrando os estudos conduzidos por Sérgio Carrara e colaboradores (2003, 2004 e 2005) nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Nesses estudos, cerca de 20% dos entrevistados já sofreram ao longo da vida algum tipo de violência física. As vítimas e os agressores desse tipo de violência são eminentemente homens jovens (MOTT & CERQUEIRA, 2003). Nenhum dos jovens entrevistados na nossa pesquisa, contudo, relatou ter sofrido algum episódio de violência física na escola. No que pese ser isso possível, a análise do conjunto das entrevistas sugere que talvez estejamos na verdade lidando com a negação desse tipo de violência, algo associado a um esforço de esquecimento operado por eles em função da vergonha que esse tipo de vitimização evoca.

Outro tipo de violência que comumente aflige os jovens gays é aquela de natureza psicológica. Ela pode ser descrita como *“toda ação ou omissão que causa ou objetiva causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa”* (DAY, 2003:6). Uma das formas de operacionalizar a violência psicológica é através das agressões verbais e ameaças de agressão. Uma característica marcante desse tipo de violência é a capacidade que ela possui de, pelo uso da palavra, difundir visões de mundo, representações e sentimentos negativos que humilham e depreciam um dado indivíduo ou grupo social. Os poucos estudos realizados no Brasil com grandes amostras de homossexuais evidenciam que esse

é outro tipo de violência comum entre eles: em 2005, 62,8% dos que foram à *parada gay* de São Paulo relataram já terem sido assim vitimizados (CARRARA et alii, 2005).

Entre os nossos entrevistados, a violência psicológica também foi recorrente e se manifestou de diferentes formas dentro dos espaços escolares: repetição cotidiana de xingamentos e exclusão de atividades de lazer, por exemplo. Referindo-se a ele, um dos nossos entrevistados afirmou:

“Naquela época, eu não era uma pessoa muito bem esclarecida, né, não tinha contato assim, não tinha a personalidade bem formada pra ter uma opinião sobre aquilo e saber me defender de alguma forma daquilo tudo. Então, eu me sentia muito triste com aquilo. Aquilo me fez mal durante muito tempo e era bem [...] menos escondido, né, porque era na frente da professora; na frente de quem fosse, eles implicavam comigo, na frente dos meus pais...” (J.)

O relato acima evidencia que os jovens gays experimentam a violência escolar dirigida contra eles de duas formas. A primeira delas é vitimização direta, ou seja, a dor da agressão, de ter apanhado ou ser ofendido por um colega de escola. Já a segunda forma é aquela que se realiza pela exposição que a situação de violência implica. A vergonha do constrangimento sofrido na frente de outros alunos, professores, ou mesmo na frente dos pais tem um alto potencial destrutivo, contribuindo para o distanciamento desses jovens da escola.

Tal distanciamento, contudo, não é somente físico. Trata-se também de um distanciamento psicológico e

emocional, cujas lembranças evocam uma memória de mágoa do período escolar. Assim, não por acaso, muitas vezes a trajetória escolar é vista por esses jovens como um momento pelo qual agradecem já ter passado, sem sentirem dele saudades.

Impactos e enfrentamentos da violência homofóbica nas escolas

São vários os impactos da violência homofóbica nas escolas sobre as suas vítimas. As marcas físicas constituem geralmente a sua expressão mais visível. Contudo, ao lado dela, estão também os impactos na subjetividade. A falta de apoio dentro da família em uma fase importante da experimentação sexual e de formação da personalidade influenciou negativamente na possibilidade de os entrevistados lidarem com a violência, principalmente quando ela era impetrada por aqueles – colegas e professores – dos quais esperavam acolhimento e compartilhamento de experiências positivas.

Tudo isso fez com que alguns dos entrevistados se encerrassem em estados mentais potencialmente autodestrutivos, capazes de levar ao uso de substâncias psicotrópicas e de drogas, a práticas de sexo inseguro, maior procura de profissionais da área psiquiátrica e, no limite, ao desejo de eliminação da própria vida, como fica explícito no depoimento: “*Nossa..., tipo..., acho que a única coisa que dava para pensar era ser suicida; assim, fui muito suicida em potencial nessa fase, muito...; nunca tive coragem, mas era uma coisa, uma ideia, em geral, muito recorrente*” (V.).

O sofrimento vivenciado por esses jovens na escola teve consequências

diretas em suas condições de saúde. Nesses casos, o corpo muitas vezes tende a exteriorizar as tensões, medos e angústias existentes nos jovens afetados pela violência física e psicológica que ali ocorre. Mais do que efeitos perdidos no passado, essas conseqüências transitam até hoje em suas vidas. Como nos disse um dos entrevistados:

“Depressão eu nunca tive, mas eu tinha...o meu corpo, o meu corpo deprimiu, eu passei a ter problemas na coluna, eu passei a ter mais espinhas, eu fui ficando cada vez mais...como se eu estivesse se transformando num caramujo, morrendo em vida. A minha mente e o meu espírito permaneceram fortes, o meu corpo sofreu as conseqüências” (...)(L.)

Nesse cotidiano escolar tão hostil, não é surpreendente que alguns dos entrevistados também tenham se referido a problemas de desempenho escolar, manifestados em absenteísmo, reprovações sucessivas, abandono, etc.

Entre os jovens entrevistados, uma das principais formas de reduzir os danos provocados pela violência e pela identidade negativizada que ela produz foi a associação em grupos de afinidades e o pertencimento a redes de amigos, principalmente no ensino superior. Essas redes facilitam a formação e o reconhecimento de uma identidade coletiva, ajuda na auto-aceitação e colabora para a construção de uma autoimagem mais positiva. Assim, a entrada na universidade é percebida pelos entrevistados como uma oportunidade de criar ou fazer parte de tais redes, sendo considerada uma resposta à estigmatização e à violência sofrida. Além disso, para os

entrevistados, a universidade criaria uma situação propícia para lhes atribuir um novo status e, por conseguinte, redefinir positivamente a sua relação com sua família e com o seu entorno social mais próximo. Vejamos o depoimento:

“Acho [...] que a medicina me ajudou muito nesse sentido assim, por que o médico tem essa coisa, assim, de profissão burguesa, essa coisa, pra família que tem um filho que está fazendo medicina. [...]. Nesse sentido, sabe, mas acho que resgata um pouco do orgulho. Acho que isso foi importante nesse sentido”. (V.)

Portanto, para esses jovens, ingressar na universidade e morar fora da casa dos pais representou uma possibilidade de viver a sexualidade plenamente, produzindo condições favoráveis para o “sair do armário”. Esse processo desencadeou entre grande parte deles a criação de uma nova identidade: não mais aquela marcada pelos conflitos estabelecidos em relação à própria sexualidade, mas uma identidade marcada pela afirmação do “*eu-homossexual*”.

Contudo, o sucesso educacional e o ingresso na universidade para os jovens gays não ocorrem de forma totalmente tranquila: enquanto para os jovens em geral as conquistas educacionais constituem uma evidência de valor profissional e de potencial intelectual, para os jovens gays entrevistados elas perfazem também uma oportunidade de demonstrarem seu valor como seres humanos. Sob o fardo dessa obrigação, o estudo para alguns deles se transforma também no refúgio que os impede de desenvolver outras atividades

comuns ao seu grupo etário, ou em um fator desencadeador de constante aflição e angústia.

Outras respostas dadas pelos entrevistados às dificuldades postas por seu cotidiano escolar violento devem ser aqui ressaltadas. Uma delas é a de tentar transitar entre os desejos associados com a identidade homossexual e a identidade heterossexual que se espera que eles assumam. Daí deriva, por exemplo, desde a exibição ostensiva de um comportamento heterossexual muito estereotipado e o estabelecimento de namoros de fachada com colegas de escola, até a negação de si próprios através de formas de agir que escondam a sua orientação homossexual. No entanto, muitos entrevistados lidaram (e lidam) com as situações de violência no ambiente escolar evitando interações, faltando aulas ou escondendo-se em espaços específicos das escolas. Como nos disse um entrevistado:

“Então eu saía de sala, eu ficava dando voltas no corredor, eu ficava no banheiro trancado ou bebia água, ou eu ia pra casa mais cedo e dizia pra minha mãe que não tinha tido a última aula pra tentar evitar. Porque, pra mim, a solução que eu achava que fosse seria evitar, fingir que nada estava acontecendo”. (R).

Considerações finais

As situações de violência homofóbica na escola contra os jovens entrevistados foram geralmente desencadeadas pela identificação de características femininas em seus comportamentos. A partir de então, passaram a ser alvos de variadas formas de agressão que, no limite, conduziram a severos problemas

emocionais e físicos. É nas instituições educacionais do ensino básico que os entrevistados – principalmente aqueles que mais se distanciavam dos padrões binários hegemônicos heteronormativos – sofreram as primeiras e, depois, recorrentes agressões em sua vida escolar. Todavia, vale salientar que também na universidade, embora em menor escala, os jovens entrevistados têm sido vitimizados.

No entanto, mais do que antes, puderam contar com o apoio de diferentes pessoas: professores, parentes mais distantes do núcleo familiar e outros jovens e adultos amigos que também se identificavam como gays. Apesar de as experiências de vitimização na universidade também serem dolorosas, todos os entrevistados salientaram uma maior positividade da experiência homossexual nesse ambiente. Isso pode ser atribuído, ao menos em parte, à existência de organizações e lugares de sociabilidade em cidades de grande porte (quase todos os entrevistados moram em Niterói e Rio de Janeiro), que possibilitam a eles a desconstrução de imagens negativas sobre os gays e que impedem que eles se encerrem em espaços físicos e mentais de solidão e sofrimento.

Esperamos que esse pequeno artigo contribua para fomentar o debate acadêmico acerca da violência sofrida por gays nos ambientes escolares. Apesar dos avanços obtidos nos últimos anos, os centros de pesquisa ainda se mostram pouco sensíveis aos problemas sofridos pelos gays. Espera-se igualmente que o artigo possa também contribuir para o debate sobre a necessidade de implementação de políticas,

programas e projetos que atendam às especificidades do segmento social aqui estudado.

Afinal, a violência homofóbica não pode ser reduzida a uma questão de segurança pública. Embora isso seja um campo importante, a experiência dos entrevistados demonstra que a diminuição da violência passa pela superação da intolerância e pelo estímulo à *diversidade sexual nas escolas*. Algumas ações nesse sentido já foram promovidas por governos estaduais e municipais e pelo governo federal, faltando ainda avaliar os seus efeitos.

Uma política nessa área deve incluir ações no campo assistencial, reconhecendo que a vulnerabilidade de jovens gays, repetidamente agredidos, não pode ser pensada apenas em termos financeiros. Eles se vulnerabilizam, ao longo da sua trajetória, em outros campos que não o da renda. Em tal trajetória, eles se tornam, dentre outras situações, mais inclinados a práticas sexuais não seguras e ao maior consumo de drogas.

Por fim, a produção de políticas na área deve integrar a dimensão da cultura, já que é nela que se dá o processo de construção de valores que prescrevem a rigidez dos papéis de gênero e determinam a hierarquização das orientações sexuais. Sobre a cultura, vale também lembrar a sua historicidade e a possibilidade de mudança que ela encerra. É tal possibilidade que nos permite vislumbrar a construção de um mundo no qual jovens gays possam, dentro e fora das escolas,

usufruir dos mesmos direitos dos jovens heterossexuais.

Referências

BANDEIRA, Cláudia de Moraes e HUTZ, Cláudio Simon. As implicações do bullying na autoestima de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v.14, n.1, Jan./Jun., p. 131-138, 2010.

CARRARA, Sérgio e RAMOS, Sílvia. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 8º Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro, 2003*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.

_____. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9º Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro, 2004*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

CARRARA, Sérgio et alii. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9º Parada do Orgulho GLBT – São Paulo, 2005*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

CASTRO, Mary. Resignificando sexualidade, por violências, preconceitos e discriminações. In: *Juventudes e sexualidade*. UNESCO, Brasil, 2004.

DAY, Vivian Peres et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de psiquiatria*. Rio Grande do Sul, v. 25, suppl. 1, Abr, p. 9-21, 2003.

DE LAURETTIS, Teresa. "A tecnologia do gênero". In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JUNQUEIRA, Rogério. "Não temos que lidar com isso. Aqui não há gays nem lésbicas!" - Estados de negação da homofobia nas escolas. Trabalho apresentado na 32º Reunião da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, Caxambu, 2009. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT23-5575--Int.pdf>>. Acesso em: 12 de junho de 2011.

MOTT, Luiz e CERQUEIRA, Marcelo. *Matei por que odeio gay*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.